



DOI: 10.14295/rlapc.v11i17.179

Modo de subjetivação neoliberal e formação do Caráter a partir do referencial teórico reichiano¹

Tiago Cupolillo Mota², Marcus Vinícius Câmara³

Resumo: O objetivo desse trabalho é discutir as transformações dos modos de subjetivação, na transição do modo de produção liberal para o neoliberal, a partir, principalmente, das contribuições do filósofo Byung-Chul Han, articulando esses aspectos com parte da teoria de Freud, Reich e autores *neo* e *pós-reichianos*, no que se refere à influência da fixação na experiência afetivo-sexual visual, na formação da personalidade. Os conceitos-chave para analisar essas transformações são o de negatividade e positividade que fundamentam, por consequência, o entendimento do conceito de *sujeito da obediência* em contraposição ao *sujeito do desempenho*. Analisaremos como, nessa transformação, o ataque ao corpo se deslocou para um verdadeiro ataque à mente/cérebro, em conjunção com o avanço das tecnologias digitais. Para isso, discutiremos o pressuposto, defendido nesse trabalho, de que o deslocamento das tecnologias de controle social do corpo para mente parece ser efetivado principalmente pelo uso das imagens.

Palavras-chave: Modos de subjetivação – negatividade – positividade – liberalismo – neoliberalismo

Neoliberal mode of subjectivation and Character formation from the Reichian theoretical framework

Abstract: The purpose of this work is to discuss the transformations of subjectivation modes during the transition from the liberal mode of production to the neoliberal mode. It primarily draws from the contributions of philosopher Byung-Chul Han, articulating these aspects with part of Freud's theory, Reich's ideas, and neo- and post-Reichian authors. Specifically, we explore the influence of fixation on visual affective-sexual experiences in personality formation. Key concepts for analyzing these transformations include negativity and positivity, which consequently inform the understanding of the subject of obedience in contrast to the subject of performance. We will examine how, in this transformation, the attack on the body has shifted toward a true assault on the mind/brain, in conjunction with the advancement of digital technologies. To do so, we will discuss the assumption put forth in this work: that the displacement of social control technologies from the body to the mind is primarily achieved through the use of images.

Keywords: Modes of subjectivation – negativity – positivity – liberalism – neoliberalism.

¹ Esse artigo é uma adaptação do trabalho de conclusão do curso de formação de analistas reichianos, do IFP-Reich, necessário à obtenção do título de analista reichiano na instituição mencionada, do autor Tiago Cupolillo Mota, tendo como orientador o professor doutor Marcus Vinícius Câmara.

² Analista psicorporal reichiano, formado pelo Instituto de Formação e Pesquisa, Wilhelm Reich (IFP - REICH), no Rio de Janeiro. Mestre em Psicologia pela UFRRJ, na linha Clínica, Saúde, Educação e Contemporaneidade. Graduado em Psicologia pela mesma instituição. Psicólogo da Rede de Atenção Psicossocial (RAP), da cidade do Rio de Janeiro, no Centro Psiquiátrico do Rio de Janeiro (CPRJ). Professor substituto do Departamento de Fundamentos Pedagógicos da UFF. cupolillotiago@gmail.com;

³ Analista reichiano. Doutor em psicologia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRJ. Professor do departamento de psicologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ. mvinicamarca@gmail.com

A formação do eu em Freud e Reich: uma breve consideração

O desenvolvimento do conceito de caráter é parte de um desenvolvimento *natural* da psicanálise freudiana*, de acordo com o próprio Reich, como também pelos seus seguidores, como Alexander Lowen (1977). Mas não o Freud (1923[1969]) da segunda tópica*, ou aquele que pressupôs a existência de uma energia destrutiva fundamental diferente da energia erótica (FREUD, 1920[1969])*, mas o da primeira, a qual o seu ex discípulo Wilhelm Reich se debruçou praticamente por toda a sua vida. Esta fase se refere ao que Freud (1905b [1969]) apontava como a teoria libidinal e sua dinâmica topográfica do aparelho mental. Freud (1905b [1969]) entendia ser a libido uma energia sexual que circula por todo o corpo, e que se manifesta com maior intensidade em zonas específicas (zonas erógenas). O seu possível bloqueio (fixação) influenciaria na funcionalidade do indivíduo durante a sua vida, após a sua fase de desenvolvimento psicosexual*, e é causa daquilo que veio a nomear como neurose. Desse modo, o entendimento da dinâmica neurótica e do sofrimento psíquico dos seus pacientes só pode ser entendido se levarmos em conta a dinâmica libidinal dos mesmos, bem como a dinâmica repressiva dessa energia que é a causa em si do sofrimento ao qual nos referimos.

Segundo Freud (2016), a dinâmica libidinal e, por sua vez, a dinâmica repressiva irão influenciar na produção de diferentes tipos de personalidade, inscritas no conceito de neurose, que engloba, por exemplo, a neurose histérica e a obsessiva, bem como podem produzir, por outro lado, personalidades psicóticas e perversas. Contudo, o que é importante entendermos na perspectiva Freudiana da formação do *eu*, neste trabalho, é a sua perspectiva universalista e atemporal. Isto é, segundo esta teoria, as estruturas da personalidade podem se desenvolver em qualquer pessoa ao redor do globo, em qualquer cultura e em qualquer tempo histórico, e

* O conceito de caráter em psicanálise foi primeiro desenvolvido por Freud (1932 [1969]).

* A primeira tópica freudiana (que costuma ser chamada de 1ª fase psicanalítica de Freud) se refere à teoria topográfica do aparelho psíquico, cujas partes foram divididas e nomeadas de inconsciente, pré-consciente e consciente. O seu funcionamento se daria pela dinâmica com que a energia psíquica (a libido) circula, atrelada às suas respectivas representações, por esses *locais* no aparelho psíquico, de acordo com as possibilidades de satisfação ou de impedimento dos impulsos. Já a 2ª tópica se refere à perspectiva de estrutura que Freud desenvolveu do aparelho psíquico, unida ao funcionamento da 1ª tópica. Nessa fase, Freud elaborou os conceitos de Id, Ego e Superego, como forma de definir e compreender aquelas estruturas psíquicas que estão entre as dinâmicas consciente, pré-consciente e inconsciente, e como estas influenciam na formação da personalidade e no modo que cada uma lida com a possibilidade de satisfação e impedimento dos próprios impulsos.

* Discutiremos brevemente o conceito de pulsão de morte mais à frente.

* Para Freud (1915b [1969]), as fases de desenvolvimento psicosexual vão dos 2 aos 5 anos de idade.

da mesma maneira, seguindo o ponto de vista teórico estruturalista. Por outro lado, o seu ex-discípulo, Reich (1977; 1953[1998]), influenciado pela perspectiva marxista e o seu respectivo materialismo histórico*, aponta para a necessidade de se levar em consideração as bases produção material de cada sociedade que, por sua vez, sofrem diversas transformações ao longo da história. Assim, a partir da perspectiva sócio-histórica de Reich, devemos considerar que a dinâmica libidinal e, por sua vez, a dinâmica repressiva dessa energia, sofrerá variações que vão além daquelas apresentadas por Freud, e que não serão condicionadas somente pelo núcleo familiar e suas relações edipianas. Para Reich (1953[1998]), portanto, o conceito de caráter amplia, em certo grau, o conceito freudiano de formação do *eu*, levando sempre em consideração a dinâmica político-social e biológica dentro de cada cultura, o que o levou a afirmar que cada cultura produzirá diferentes tipos de caráter.

Voltando a Freud (2010), um dos grandes problemas da sua abordagem universalista é a exclusão dos fenômenos sociopolíticos para a formação da personalidade. Apesar de Freud (2010) considerar corretamente que a neurose se estrutura a partir dos limites impostos pelo princípio de realidade, e das demandas pulsionais do Id, este princípio é tratado como algo imutável, não levando em consideração a variedade de culturas existentes ao redor do globo terrestre, as quais possuem dinâmicas repressivas qualitativa e quantitativamente diferentes dos europeus ocidentais, o que, por consequência, mudaria as dinâmicas psíquicas dos sujeitos imersos nessas culturas. Por outro lado, a partir das pesquisas antropológicas de Malinowski, realizando uma análise transcultural, Reich (s/d) chegou ao ponto de defender que seria possível a existência de sujeitos não neuróticos por falta de repressão sexual pela cultural, o que vai em direção oposta à de Freud (2010), quando este defende que a vida em sociedade exige necessariamente que reprimamos os nossos impulsos, tanto os sexuais quanto de agressão.

Não podemos perder de vista que Freud (1920[1969]; 2010), quando passa a considerar a renúncia pulsional como um fator *sine quo non* para a vida em sociedade, se baseia nos seus estudos sobre a neurose obsessiva-compulsiva e no seu sadismo anal intrínseco. Os seus estudos sobre o tema o levaram a defender que esse sadismo era uma

* É importante destacar que, apesar dessa influência na teoria de Reich (1942[1975]), ainda é possível considerar certo universalismo em seu corpo teórico. Isto é, o modo de produção de cada sociedade muda, mas não muda a estrutura do desenvolvimento libidinal, bem como as suas fases. O que muda é a forma pela qual cada cultura irá se relacionar com cada fase do desenvolvimento. Haverá, portanto, oralidade, analidade, falicidade e genitalidade em todas as culturas, porém, cada uma produzirá uma dinâmica específica com as respectivas fases. Além disso, Reich (1975) também desenvolveu uma teoria energética universalista – a orgonomia – que entende haver uma base energética universal anterior à base material, cuja dinâmica de acumulação ou descarga servirá de fundamento para a produção de saúde e/ou adoecimento psicossomático.

pulsão originária, parte mesma do ser humano, que apareceria independentemente da cultura e do tempo histórico de cada sociedade. Esse sadismo era percebido na clínica psicanalítica como uma incapacidade do sujeito se curar e se aliviar dos seus sofrimentos, como um desejo de morte, de não mais viver. Esta pulsão apareceria, por sua vez, nas expressões culturais como um desejo de destruição por meio de guerras, assassinatos e os mais variados tipos de violência sem motivo *racional*.

Como consequência desse pressuposto, vemos que Freud, principalmente em seu desenvolvimento tardio, como em *Mal-estar na Cultura* (2010), tende à conceitualização de civilização como um ente em si mesmo, invariável e inquestionável em sua dinâmica interna, sendo, portanto, o princípio de realidade também imutável, como se todas as sociedades tivessem a mesma dinâmica afetivo-sexual. Diante da imutabilidade da pulsão de morte, a vida em sociedade deve ser, igualmente, um lugar de repressão e renúncia das mais variadas pulsões individuais para que a mesma possa existir.

Assim, ao considerar que a vida em sociedade exige o abandono de parte dos investimentos pulsionais do *eu* sobre o mundo e que, portanto, a formação neurótica faz parte do desenvolvimento *natural* do ser humano que vive em sociedade, Freud, em seu desenvolvimento tardio, normaliza o sofrimento psíquico e a renúncia pulsional do *eu* sem considerar as diferentes civilizações existentes, e sem questionar as estruturas políticas, sociais e econômicas da sociedade que exigem esta renúncia, responsabilizando, por tabela, o indivíduo por grande parte do seu sofrimento psíquico.

Contudo, Reich (1953[1998]), ao investigar mais a fundo a formação da neurose obsessiva e o seu sadismo anal, percebeu que esse tipo de agressão não era uma pulsão originária, mas uma pulsão secundária, derivada da incapacidade de o sujeito expressar a sua pulsão de vida em uma sociedade altamente repressora da sexualidade e desigual na distribuição das riquezas produzidas. Quer dizer, a sociedade ocidental europeia do final do século XIX e XX produzia socialmente os impulsos de agressão, seja voltado para si seja para o outro.

A repressão dos impulsos individuais, que é um movimento de fora para dentro, durante a fase de desenvolvimento psicosexual, é internalizada no indivíduo como um autocontrole, uma autoagressão sobre os próprios impulsos de vida. Impulsos que são biológicos. Isto é, corporais. Por exemplo: se o desejo sexual por alguém proibido surge na forma de contato visual, o impulso repressivo é igualmente corporal, seja no desvio do olhar

do objeto de desejo, ou na diminuição da capacidade de respiração para diminuir a sensação de excitação sexual.

Assim, a moralidade repressiva à vida enquanto impulso sexual (pulsão primária) gera uma força de autoagressão (pulsão secundária – sadismo) que invariavelmente surge também como *heteroagressão*, na reprodução da violência assimilada e vivida pelo *eu*. A repressão a qual nos referimos não é algo separado do indivíduo, mas o constitui. São forças que se equilibram – neuroticamente – dentro de um mesmo sistema. Isso é o que chamamos de caráter*, que se expressa por meio da couraça *caracterial* e muscular. A primeira é considerada como um conjunto de características individuais, tais como gestos, jeito de falar, expressões usadas, tom da voz, forma de andar, enquanto a segunda se expressa pelo tônus muscular de cada parte do corpo, em conjunto ou separado. São partes da dinâmica afetiva vivida pelo sujeito, derivada da forma com que este vivenciou as fases do seu desenvolvimento psicosexual. O caráter é uma estrutura tanto de satisfação quanto de proteção. Tanto busca se satisfazer como se proteger das possíveis punições resultantes dos impulsos originais do indivíduo. Por fim, é o exemplo vivo e visível dos conflitos entre *eu* individual e sociedade e que sofrerá mudanças de acordo com as constantes metamorfoses nos campos político, culturais e econômicos.

Diante dessa perspectiva, iremos analisar brevemente, a partir desse momento, os aspectos sócio-históricos que tem influenciado na formação da subjetividade, desde o surgimento da psicanálise até o momento atual, de forma que possamos melhor compreender como essas transformações dialogam com a teoria de formação da personalidade de Wilhelm Reich. Para isso, partimos das contribuições de Foucault (1987, 1999, 2010, 2020) referentes ao dispositivo analítico da disciplina para entender parte das transformações sociais ocorridas na Europa ocidental, principalmente a partir do classicismo europeu que lá predominou a partir do século XVIII.

* Aqui se faz necessária uma breve observação acerca da construção do conceito de caráter em Reich (1953[1998]). Para o autor, o caráter não se apresenta de forma homogênea e unívoca. Muitas outras características de personalidade podem se somar a ele. Como, por exemplo, é possível existir um indivíduo obsessivo-compulsivo com expressões históricas em determinadas situações, o que levou Reich a diferenciar caráter de traços de caráter. O primeiro é, em última instância, o conjunto de características individuais mais destacadas. É o que marca a personalidade do sujeito. Enquanto o traço é uma característica de menor força na personalidade. Assim, mesmo que tenhamos um sujeito histórico, é possível que este desenvolva traços obsessivos-compulsivos, e vice-versa, a depender da sua dinâmica relacional e, principalmente, a partir da leitura que aqui fazemos, da necessidade produtiva e valores morais que uma dada sociedade possui.

Liberalismo e disciplina

A partir das contribuições de Foucault (1987, 1999, 2010, 2020), tomamos conhecimento que grande parte do território Europeu, governado por Estados absolutistas liberais, sofria profunda transformação social desde a transição do feudalismo para o capitalismo mercantil e, posteriormente, o industrial. Foucault (1987, 1999, 2010, 2020) localizou a gênese desse tipo de poder nos finais do século XVII, estruturado a partir de uma engenharia social que continha em si mesma uma justificativa moral, mas que se efetivava como controle e apropriação da força de trabalho individual, pelos donos dos meios de produção capitalista. Sua influência era percebida em uma nova dinâmica de planejamento arquitetônico, que tinha como objetivo disciplinar os corpos, para que estes pudessem se transformar em entidades cada vez mais dóceis, submissas à vontade da burguesia. Esta arquitetura que regia a construção das prisões, escolas e hospitais gerais foi pensada em princípios geométricos*, de forma que os corpos presentes nessas instituições pudessem ser corrigidos em seus ângulos defeituosos e imperfeitos, naquilo que Foucault (1987) nomeou de ortopedia social. Essa lógica de governo dos corpos tem como princípio a correção dos movimentos corporais por meio da punição e da vigilância, mas que objetiva menos impedir, do que corrigir, direcionar os *equivocos* do corpo para um objetivo socialmente demandado, a partir da nova ética instaurada pelo capitalismo: o trabalho. Novamente, devemos reforçar que o objetivo dessa engenharia social não era a de aniquilar o desviante – como o era no sistema penal anterior ao moderno –, mas sim corrigi-lo, para que estes pudessem se restabelecer em sua natureza laborativa *natural*.

Do ponto de vista social, coletivo, o poder disciplinar se inscreve naquilo que Foucault (1999, 2020) chamou de biopoder, que é o poder disciplinar aplicado em nível populacional, de forma a racionalizar os fenômenos da natalidade, manutenção da vida e mortalidade, e começou a se formar por volta da segunda metade do século XVIII.

Foucault (2020) indicou, na clássica obra *A História da Sexualidade I*, que a sexualidade foi menos reprimida do que ressignificada, incluindo a racionalização da sua gramática e conhecimentos para designá-la, tornando-as, *científicas*. Isto é, governáveis a partir da lógica do saber-poder disciplinar. Essa é diferença importante da análise que

* Essa geometria arquitetônica também passa a estabelecer os princípios norteadores das tentativas de cura dos transtornos mentais, em que a lógica da organização, serialização e controle dos corpos dos *loucos*, dentro da instituição do Hospital Geral, visa à correção desse corpo rebelde, incapaz de se estabelecer dignamente no mundo por meio da ética do trabalho cada vez mais valorizada (FOUCAULT, 2010).

Foucault faz dos mecanismos de governo dos corpos individuais daquela realizada pela psicanálise Freudiana, e também uma resposta de Foucault a essa perspectiva.

Conquanto a psicanálise afirmava que a moralidade repressora reprimia as pulsões sexuais e, portanto, as mesmas não se relacionariam diretamente com os objetos externos a ele, produzindo sintomas, para Foucault (1987, 2010, 2020), o objetivo das técnicas de poder predominantes em uma sociedade disciplinar é tornar cada vez mais livre a distância entre a mente e corpo, tornando a primeira senhora do segundo, não para impedir que os impulsos corporais se manifestem, mas que sejam principalmente direcionados ao trabalho e à reprodução da força de trabalho. Essa é uma importante confluência das ideias de Foucault (2020) e Reich (1977, 1953[1998]), visto que ambos entendem que os impulsos impedidos de se manifestarem são direcionados para outros objetivos, e não impedidos de se manifestarem. Assim, enquanto que para Foucault (2020) a sexualidade adquire um valor normativo enquanto heterossexualidade reprodutiva, *patologizando* práticas sexuais e identidades desviantes, para Reich (2001 [1933]), por exemplo, na Alemanha do final do século XIX e início do XX, o sadismo derivado da extrema repressão sexual e insatisfação econômica das massas foi direcionado pelas propagandas nazistas para o extermínio das pessoas consideradas inferiores pelos germânicos.

No entanto, Byung-Chul Han, autor que se utiliza do arcabouço teórico Foucaultiano para desenvolver a sua perspectiva filosófica, aponta, talvez na sua obra mais emblemática e difundida, *A Sociedade do Cansaço* (2017b), que o aparato psíquico freudiano “está estruturado como uma sociedade disciplinar, composta de hospitais, asilos, presídios, quartéis e fábricas” (p.79), e que o sujeito dessa sociedade “é dominado pelo medo e pela angústia frente à transgressão” (p.80). Han (2017b) defende que “O inconsciente freudiano não é uma configuração atemporal. É um produto da sociedade disciplinar repressiva, da qual nós estamos nos afastando cada vez mais” (p. 80).

Neoliberalismo e desempenho

E esse afastamento se deve à emergência de uma nova forma de produzir, de gerir o trabalho, o corpo e as riquezas produzidas socialmente, que começa a ganhar força a partir dos anos 70 do século XX, se distanciando do modelo liberal. Chamamos de *nova forma* para destacar as diferenças do modelo anterior, mas devemos ter em conta que o novo só pode surgir do antigo e é este que determina a maneira de se desenvolver a mudança para o modelo subsequente. Assim sendo, a emergência do neoliberalismo como modo de produção dever ser

entendido como um processo de transformação, mas, sobretudo, de desenvolvimento e aprimoramento dos meios de dominação das forças de trabalho corporais individuais e coletivas.

Segundo Byung- Chul Han (2017b), em a *Sociedade do Cansaço*, o conceito de sociedade disciplinar não é mais capaz de definir a nova mecânica do poder do século XXI. A sociedade disciplinar, em regimes liberais, é caracterizada, segundo o autor, pelo *verbo modal negativo de não-ter-o-direito*, cuja característica é a proibição, o impedimento, os limites, e o seu sujeito é o da obediência. O imperativo categórico desse tipo de sujeito é o do *dever*. Os seus limites e deveres não definem uma impossibilidade totalizante, senão uma indicação necessária daquilo que é e não é permitido. O dever indica um remanejamento das forças do corpo de algo que se torna proibido, protegido por um ato punitivo, para aquilo que é permitido e produtivo. O dever e a proibição regem a sua vida. Essa foi a forma que as forças produtivas do capital tiveram de elevar a produtividade do trabalhador explorado, mas também virou o limite para o crescimento contínuo da lucratividade, do *curso raso do capital* (HAN, 2017c).

A forma de superar os limites ao aumento da exploração, agora em uma sociedade neoliberal, é a transformação do *sujeito da obediência* no *sujeito do desempenho* (HAN, 2017b, 2017c). O imperativo categórico que regula a sua forma de estar no mundo é o do *poder (can)*. As negatividades são excluídas e os limites do *eu* são expandidos. As instâncias que outrora viviam separadamente, o chefe e o empregado, o soberano e o servo, o explorado e o explorador se internalizam no *sujeito do desempenho*. Agora é ele quem define o quanto pode dispensar de sua força de trabalho (HAN, 2017b).

O *sujeito do desempenho*, na chamada *sociedade do cansaço*, esgota a si mesmo, na busca por falhas que possam ser reparadas para aumentar o seu desempenho. Como não há limites, nem proibições – pelo menos não claramente –, como ocorria em uma sociedade disciplinar, a possibilidade de aumentar o próprio desempenho é, virtualmente, infinita. Assim, o sujeito do desempenho está infinitamente voltado para si mesmo na busca de aumentar o seu desempenho, afundado em seu narcisismo*.

Para Han (2017a, 2017b, 2017c, 2021), essa expansão dos limites do *eu* só pode ocorrer devido à proporcional exclusão do outro nas relações. O outro, como negatividade que impede os impulsos do *eu* individual de se concretizar completamente e de forma invariável, é

* Os limites não regem mais a vida do *sujeito do desempenho*, mas sim o desempenho, que é sempre um elemento de positividade, isto é, que adiciona valor para aumentar a produção e não retira, como é no poder disciplinar.

ignorado. A exclusão do outro em sua alteridade é fomentada igualmente pelo avanço do uso das tecnologias digitais que mediam as relações interpessoais. Em um clique, a alteridade do Outro é silenciada e desligada, sem qualquer resistência.

Segundo Han (2021), a atual falta de *cultura da dor* também produz e sustenta subjetividades narcísicas, que se expressam principalmente por um investimento libidinal na própria subjetividade, excluindo o Outro como alteridade em sua existência e, portanto, como resistência a si, evitando a dor do encontro com o diferente a todo o momento. Para Han (2021), a relação com o Outro, com o diferente de si, produz dor, sofrimento, diante do limite imposto sobre o seu próprio *eu*. Por outro lado, a relação do *eu* com o Outro – e também com a dor – é essencial para a estruturação da personalidade, e também para a sua transformação, para que o *eu* possa, diante do sofrimento, perceber a realidade sob uma nova perspectiva. A dor é essencial, inclusive, para a distinção das coisas. Uma vida sem dor, diante dessa ótica, produz subjetividades narcísicas, incapazes de se diferenciarem do Outro, perceberem a si próprios e distinguir o que é real e o que não é.

Nesse sentido, a *sociedade positiva*, que se expressa na forma de desempenho, tende a se fundamentar sobre a exclusão dos limites da realidade para a facilitação do fluxo livre do capital, tornando tudo transparente, sem resistência, transformando as alteridades em iguais (HAN, 2017c). Sim, massificados. O *inferno do igual* promove a *agonia de Eros* no tecido social. Para Sócrates, a relação Erótica só ocorre em um movimento em direção ao um “atopos”, que é uma alteridade desconhecida diante de si (HAN, 2017a). Em uma sociedade deserotizada, a partir da leitura psicanalítica de Han (2017c, 2017a), a energia erótica (libido) volta para o seu emissor, reforçando o investimento em si mesmo (investimento narcísico) e desestimulando o investimento no outro (investimento objetal), reforçando o narcisismo característico dessa sociedade.

Portanto, quando falamos de narcisismo na atualidade, estamos apontando para aquele deslumbramento que o Narciso mítico é tomado ao se ver refletido no espelho d’água que, dado o seu deslumbramento por tal jogo de luzes, tem o seu *eu real* engolido pelo seu *eu ideal*. O narcisismo da atualidade afoga os sujeitos em uma imagem do que deveriam ser, em uma corrida infinita por esse *eu ideal*, que é um eu positivado, um projeto nunca acabado, em busca constante pelo aumento de sua performance, no assim chamado *sujeito do desempenho*.

Por outro lado, a sociedade positiva, que se apresenta como sociedade da transparência, se expressa, igualmente, por uma verdadeira coação pela autoexposição (HAN, 2017c). Esta é exercida por uma excessiva iluminação, que no *panóptico de Bentham*

(FOUCAULT, 1987; HAN, 2017c) se expressava por uma função moral e biopolítica, mas agora possui uma função econômica; antes exercida por um outro que detinha o poder, mas que é, agora, *autoinfligida*. Isto é, o *sujeito do desempenho* e, por consequência, da transparência, se expõe livremente no panóptico digital, regido pela coação à exposição, sob a influência de tecnologias digitais que agem diretamente sobre a os seus processos mentais e cerebrais*, na dinâmica *psicopolítica* (HAN, 2018). Ao se tornar transparente, isto é, liso e consumível, sem singularidade, o *sujeito do desempenho* se expõe no panóptico digital, transformando-se em mercadoria. Principalmente porque a auto exposição não se dá de forma autorreferenciada. Isto é, que valoriza as alteridades não consumíveis de corpos e subjetividades presentes no mundo, mas se padroniza. Para Han (2017c),

a coação de colocar tudo “à mercê da comunicação ou da visibilidade”, [...] “colocar corpo e alma sob foco da visão” é “obsceno, pornográfico), pois “o valor expositivo depende sobretudo da bela aparência”, que é padronizada e transparente. A coação por exposição gera uma coação por beleza e por fitness; a “operação beleza” tem como objetivo maximizar o valor expositivo”. (p.28-34).

Para o sociólogo Jean Baudrillard (2021), a atual preocupação com o corpo, a sua erotização*, não passa de uma forma de mercantilização, onde as intervenções técnicas e estéticas fazem parte de um circuito de práticas que não buscam a sua satisfação, o seu próprio prazer e a relação com outros corpos, mas às abstrações de beleza, poder e valor monetário. O corpo excessivamente exposto, como nas redes sociais, seria um corpo consumido pelo olhar do Outro e que não aponta para ele mesmo como singularidade, porém para uma imagem que é um signo de poder. Quer dizer, o corpo se torna uma vitrine para o olhar alheio e, ao mesmo tempo, consumidor de tecnologias de homogeneização. Segue Baudrillard (2021),

Se outrora era a alma que envolvia o corpo, hoje é a pele que o circunda; não a pele como irrupção da nudez (e, portanto, do desejo), mas como vestido de prestígio e residência secundária, como signo e como referência da moda (p.170).

Diante desses elementos, seguimos o apontamento de Han (2017c), de que a *sociedade da transparência*, que se expressa como *sociedade pornográfica*, na coação pela exposição, é

* É possível observar a dinâmica *psicopolítica* no fenômeno do neuro-enhancement, que atua no funcionamento cerebral pelo uso crescente e acentuado de psicofármacos, com o intuito de aumentar o próprio desempenho cognitivo (HAN, 2017b)

* Diferente de Baudrillard (2021), Han (2017c) nomeia de pornográfica e não de erótica, a hiperexposição do corpo na atualidade, que expõe uma nudez transparente, lisa, sem mistério. A pornografia é, para Han, fruto de uma sociedade da transparência, que visa transformar a tudo e a todos em um fluxo contínuo de corpos, sem limites, sem sombras e negatividades, criando menos obstáculos ao fluxo contínuo do capital. Já um corpo erotizado, para Han (2017), obedece à outra temporalidade, que envolve mistério e demora; um jogo de estratégia que mobiliza Eros ao desconhecido de si mesmo.

uma *sociedade do espetáculo*, na qual o corpo e alma do sujeito se expressam somente pelo seu valor expositivo e são transformados em mercadoria. Debord (1967), autor que desenvolveu o termo e o disseminou, diz que “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens” (p.32) que se desprenderam do seu valor representativo, e acabam referenciando apenas a si próprias, como valor expositivo.

As imagens *espetacularizadas* a que estamos submetidos constantemente não são representações do real, mas são signos de poder que apontam para o consumo das mesmas mercadorias e desses mesmos signos. Assim, as imagens (como espetáculo) “que se desligaram de cada aspecto da vida fundam-se num curso comum, onde a unidade desta vida já não pode ser restabelecida” (DEBORD, 1967, p.31), aprofundam a alienação da humanidade com as relações de trabalho, com o poder, com o próprio corpo e a natureza ao redor.

Análise do Caráter a partir dos modos de subjetivação atuais

Diante das discussões apresentadas, acreditamos que seja possível articular a teoria de produção de caráter, a partir da teoria de Wilhelm Reich, aos modos de subjetivação e suas tecnologias atuais. No entanto, como a estrutura desse trabalho é restrita, não nos permitindo maior desenvolvimento, nos limitaremos a apresentar uma breve aproximação entre o pensamento de Wilhelm Reich e Byung-Chul Han, tendo em vista como o modo de subjetivação das sociedades neoliberais se fundamentam sobre predominância do elemento da *positividade (can)*, e da experiência visual dos sujeitos na sua relação com o Outro e com os objetos, em prol de uma experiência afetivo-sexual mais ampla, que envolveria e a mobilização de todo o corpo.

Experiência ocular

Tal como Freud ([1905b] 1969), a teoria e a prática de Reich ([1953] 1998) também se fundamenta sobre a perspectiva psicanalítica do desenvolvimento afetivo-sexual na formação personalidade, considerando as conseqüentes fixações da libido em 4 diferentes fases* que, junto a outros fatores, estruturam a forma do sujeito se relacionar com o mundo.

* Fase oral, anal, fálica e genital.

Contudo, Reich ([1953]1998) elaborou a nosografia de outros tipos de personalidades neuróticas que estão alocadas entre os polos da neurose histérica e a neurose obsessiva-compulsiva. Além disso, por conta da indicação de Reich, discutida no capítulo cinco do livro *Análise do Caráter*, que aponta uma possível disfunção do desenvolvimento neuromuscular do aparelho ocular, que alteraria a sensação e percepção, no caso clínico de uma paciente esquizofrênica, alguns dos seus seguidores defenderam a existência de uma fase ocular do desenvolvimento afetivo-sexual (LOWEN, 1977; NAVARRO, 1995; BAKER, 1980).

No entanto, a existência de uma fixação sobre a experiência visual remonta a Freud ([1905a] 1969, [1905b] 1969), quando ele abordou o investimento da libido genital em um funcionamento ocular, no volume VII das obras completas e no volume VIII. A escopofilia era apontada por Freud como uma forma de prazer natural ao indivíduo, ao antecipar o ato sexual em si mesmo. Freud (1905b [1969]), ao falar sobre a função do tato sobre a excitação sexual, afirmava que

demorar-se no estágio de tocar dificilmente pode ser considerado uma perversão, desde que o ato sexual seja afinal levado adiante. O mesmo se aplica à visão – uma atividade que é, em última instância, derivada do tato. As impressões visuais continuam a ser o caminho mais frequente ao longo do qual a excitação libidinosa é despertada. (p.157-158).

Para Freud (1905b [1969]), o prazer visual pode ser sublimado na forma de produção artística, ou mesmo se tornar uma perversão (parafilia), quando, por exemplo, “ao invés de ser preparatório para o objetivo sexual normal, ele o suplanta” (p.158). Para o autor a escopofilia faz parte do desenvolvimento *natural* da sexualidade infantil, na sua fase exibicionista, mas que, se não for suprimido, tende a produzir desvios sexuais, que pode se expressar, por exemplo, por uma compulsão à exibição dos próprios órgãos sexuais (exibicionismo). Portanto, a saída desse tipo de vínculo do mundo se daria somente a partir de uma repressão, para que, assim, pudesse se deslocar para outras experiências de prazer, chegando à experiência genital plena, por fim.

No entanto, o que temos visto, no que se refere a esse tipo de experiência, é que esta não é impedida, como constantemente estimulada e, ao contrário do que pontuava Freud ([1905b]1969), defendemos que a *escopofilia* tem se demonstrado menos uma perversão, um desvio do desenvolvimento sexual considerado *normal* para sociedade, do que uma *normalização* de uma forma de se relacionar com o mundo, quando temos em vista as metamorfoses dos modos de subjetivação atuais.

Desse modo, voltamos o nosso olhar para a literatura Reichiana (REICH, 1953[1998], 1975, 1977) e a derivada dela, como a do bionergético Alexander Lowen (1977), do pós-

reichiano Frederico Navarro (1995) e Elsworth F. Baker (1980), no intuito de identificar algum tipo de caráter já definido pelos autores que contivesse em sua definição a experiência *escopofílica* como forma predominante de se relacionar com o mundo.

Nessa direção, Baker (1980), Lowen (1977) e Navarro (1995) indicaram uma grande fixação na fase ocular, nos caracteres psicóticos e pré-psicóticos, em que há a prevalência da imagem sobre a experiência sensível e há um alto grau de investimento libidinal no próprio *eu* (narcisismo) e não nos objetos exteriores, o que os levaria a ter grande dificuldade de reconhecerem e se diferenciarem do Outro. Os autores são unânimes em pontuar que na experiência de caráter psicótica os sujeitos possuem pouco e/ou quase nada de percepção corporal, dada a dissociação mente/corpo, imagens/afeto que apresentam (LOWEN, 1977; NAVARRO, 1995; BAKER, 1980, REICH (1953 [1998])).

Por consequência dessa dissociação, o mundo das ideias, imagético e fantasioso é mais expressivo, o que sugeriria a existência de sintomatologia delirante e alucinógena nesses indivíduos, de forma que as experiências com essas imagens fossem sentidas como reais e a vida fosse direcionada a elas em contraposição ao mundo concreto e sensível. Por conta dessas características indicadas pelos autores, acreditamos, no primeiro momento, que o modo de subjetivação neoliberal tende a produzir sujeitos cujas caracterologia se definem como *psicótica e pré-psicótica*.

Porém, a leitura dos relatos de caso e das teorias nos levou em direção contrária. A *caracteriologia* dos tipos psicóticos e pré-psicóticos, no que se refere ao segmento da couraça ocular, apontam na direção de um segmento pouco estimulado, com baixo tônus energético e pouca pulsação, exemplificado por um olhar estagnado, opaco, muitas vezes ausente. Por vezes é possível identificar uma certa pobreza cognitiva, com dificuldades de estabelecer relações causais entre os fatos, por exemplo. Em relação à estruturação do aparelho psíquico, ainda que de forma mais ou menos fragmentada, esta se fundamenta sob o princípio da repressão, que é uma negatividade e, por isso, não teria relação com os novos modos de subjetivação.

Além disso, percebemos uma diferença fundamental que existe na experiência imagética *pré-psicótica* e *psicótica*: o pensamento e as imagens que a povoam não tem conexão direta com a realidade vivida socialmente, enquanto as imagens que povoam as relações sociais na *sociedade do espetáculo* pretendem, na experiência coletiva, substituir o real concreto por um real imagético.* Quer dizer, há uma série de imagens que nos dissociam

* Ver os conceitos de simulação e hiper-realidade de Baudrillard (1991).

do nosso próprio corpo e da realidade material da vida, que constroem uma fissura do real, à semelhança de uma cisão esquizofrênica, mas que são reais como fato social. Isto é, são compartilhadas, vivenciadas e desejadas pelos indivíduos dessa sociedade, criam vínculos sociais, ainda que parciais, possuem investimento libidinal e estabelecem um sistema de comunicação complexo, integrado e lógico. Além disso, os caracteres *pré-psicótico* e *psicótico* não costumam ter a tendência ao exibicionismo, por conta de não serem capazes de sustentar a intensidade de excitação sexual da fase genital, dado o grande investimento libidinal nas primeiras fases do desenvolvimento (ocular/oral).

Além disso, acreditamos que os *caracteres* mencionados anteriormente não possuem a tendência à auto exploração pelo aumento do desempenho, visto que o seu *eu* costuma ser fragmentado, o que os impediria de se organizar suficientemente para lidar com um nível trabalho cada vez mais acentuado. Pelo contrário. Por serem pouco tolerantes à frustração, qualquer possível *falha* existente em si pode ser motivo para a desistência da atividade laborativa. Como consequência, dificilmente esses tipos de *caracteres* conseguem estabelecer relações de trabalho, impedindo-os de serem autossuficientes financeiramente.

Avançando no trabalho investigativo sobre as tipologias caracterológicas já construídas, encontrei, em Baker (1980), *O Labirinto Humano*, uma breve citação de um tipo de caráter nomeado de *voyeur* que parece se correlacionar com as características de um *eu* fixado na experiência visual. Baker (1980) se refere aos indivíduos desse caráter como extremamente inteligentes e capazes, porém com baixa agressividade, o que geralmente os deixam em uma situação de submissão e fragilidade. O impulso *voyeur* é tido como inaceitável pelo indivíduo, causando-lhe embaraço, por isso ele tende a se esconder para observar aquilo que o atrai sexualmente. Contudo, ele só observa, não vai além disso.

Baker (1980) cita o lar de um sujeito *voyeur* como um lugar em que se preza a observação, somente. O toque nas coisas é terminantemente proibido, restando, por fim, o olhar. O uso de outras partes do corpo na relação com a mãe, por exemplo, é absolutamente desestimulado. Infelizmente o relato de Baker sobre esse tipo de caráter é bastante pobre e só se baseia na análise de dois indivíduos, ambos do gênero masculino, levando o autor a assumir, apressadamente, que o caráter *voyeur* é exclusividade desse gênero.

No entanto, há algumas diferenças fundamentais do caráter *voyeur* apresentado por Baker (1980) e os indivíduos cuja forma principal de se relacionar com o mundo é por meio das imagens. Se para o *voyeur* o impulso de observar é inaceitável, precisando se esconder para concretizá-lo, para o sujeito na sociedade atual observar é absolutamente aceitável e

desejável. Não somente isso. Na *sociedade do espetáculo* o sujeito quer ser observado e quer ser exposto de todas as formas possíveis, metamorfoseando-se em uma mercadoria a ser consumida pelo olhar alheio. Por outro lado, esse impulso *voyeur* não se dá por meio da proibição da experiência do toque e/ou de outras zonas erógenas, por exemplo. Ele se dá, a partir da nossa leitura de Han (2017b, 2017c), acerca de suas considerações sobre a *sociedade positiva*, por um excesso de estímulo. Isto é, uma positividade de experiências imagéticas que lhe oferece satisfação sempre ampliada, socialmente tida como mais aceitável. Assim, a prevalência da satisfação pelo olhar não se daria pela proibição das satisfações orais, anais, fáticas e genitais, por exemplo, mas como uma escolha mais apropriada para se relacionar com o mundo, na busca por cada vez mais satisfação.

Considerações Finais

Até esse momento foi possível discutir como a perspectiva teórica de Reich se fundamenta sobre o entendimento da realidade como um plano em constante transformação, mas que segue suas próprias leis e possui em si mesma uma lógica própria*, ao contrário da visão psicanalítica de Freud. Isto é, há uma estrutura, ainda que com certa flexibilidade, que rege a forma como nos relacionamos com nós mesmos, com os Outros e com o ambiente ao nosso redor. Considerando essa perspectiva, trouxemos, de forma a contribuir com essa linha de raciocínio, autores que buscam descrever essa dinâmica de transformações, seja do ponto de vista da filosofia, como Foucault e Han, como da sociologia, com Debord e Baudrillard.

A partir dessas contribuições, foi possível identificar os principais elementos presentes dessas transformações sociais as quais nos referimos, apontando também as principais diferenças entre o modo de subjetivação neoliberal e do liberal. Assim, de forma resumida, o modo de produção liberal e sua estrutura disciplinar é regido pelos limites, pelas negatividades e pelo senso de dever, enquanto o modo de produção neoliberal pela falta de limite, pelas positivities e pelo senso de poder (*can*). O modelo *biopolítico*, enquanto tecnologia disciplinar, tendo como foco o corpo, tem sido suplantado pelo modelo *psicopolítico*, onde a mente e o cérebro passaram a ser o foco das tecnologias de controle social. Por esse efine, e também a partir da contribuição de Han e Debord e Baudrillard, no que se refere à função das imagens na sociedade atual, entendemos que as tecnologias *psicopolíticas* parecem ser predominantemente imagéticas.

* Teoria construída a partir das contribuições do materialismo histórico Marxista. (REICH, S/D)

A partir dessa conclusão, buscamos correlacionar a predominância das imagens como mediadoras da relação do sujeito com o mundo com a *efiner* da formação de caracteres em Reich, e também com a existência de uma pulsão genital fixada no funcionamento ocular (a partir de Freud), que poderia se apresentar como uma perversão, caso houvesse uma fixação do sujeito sobre esse tipo de experiência corporal. Em seguida, fizemos um breve levantamento bibliográfico dos autores *pós* e *neoreichianos*, e também de Reich, para correlacionar o modo de subjetivação atual com algumas estruturas de caráter já descritas por esses autores.

Contudo, ainda que seja possível *efiner* algumas semelhanças entre o funcionamento psíquico dos *caracteres pré-psicóticos* e *psicóticos*, junto ao modo de subjetivação neoliberal, principalmente no que se refere ao funcionamento narcísico e a prevalência de imagens na relação com o mundo e com o Outro, não foi possível defender que a sociedade atual produz efetivamente este tipo de *caráteres*, dadas as diferenças substanciais na forma com que as imagens são experienciadas por cada um, em contraposição ao narcisismo e a forma com que as imagens são experienciadas atualmente. Além disso, não foi possível identificar nos mesmos a lógica de funcionamento da *sociedade efiner*, expressa pelo *sujeito do desempenho* e pela coerção à exposição. A nossa suposição é que essas duas últimas características tendem a se relacionar com sujeitos cujo desenvolvimento libidinal já se deslocou para fases de desenvolvimento mais avançadas, como a fálica e a genital, que permitem ao sujeito um maior nível de autonomia e estruturação.

Por outro lado, encontramos a descrição de dois sujeitos fixados na experiência visual na relação com o Outro, em outro *caráter*, o *voyeur*. Entretanto, a descrição realizada por Baker (1980) se refere à formação psíquica a partir do *efiner* da *negatividade*, por meio de impedimentos e repressões de experiências corporais que não as visuais e, portanto, não se baseia na produção subjetiva *efiner* da *positividade*, em que a adição de estímulos produziria esse modo de subjetivação. Além disso, também não foi possível identificar o *efiner* exibicionista nesse tipo de funcionamento psíquico.

Finalmente, concluímos, a partir do que foi discutido até o momento, que a coleta de dados clínicos seja necessária para entendermos mais claramente se é possível *efiner*, do ponto de vista empírico, a existência dos modos de subjetivação que evidenciamos nas discussões, bem como a forma com que a dinâmica macropolítica mencionada interfere na dinâmica psicoafetiva familiar. Além disso, não foi possível, até o momento, identificar um tipo de caráter na bibliografia pertinente, nem *efiner* uma nova terminologia capaz de dar

conta da quantidade de características subjetivas as quais nos referimos. Como o formato desse trabalho não permite o desenvolvimento dessas conclusões parciais, isto ocorrerá em um trabalho posterior.

Agradecimentos: Nicolau José Maluf Júnior e ao Henrique José Leal Ferreira Rodrigues

Referências

BAUDRILLARD, J. **A Sociedade de Consumo**. 2ª Edição. Lisboa, Portugal: Edições70, 2021.

_____. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

BAKER, R.F. **O labirinto humano: causas do bloqueio da energia sexual**. (Vol. 14 Novas Buscas em Psicoterapia.) São Paulo: Summus, 1980.

DEBORD, G. **Sociedade do espetáculo**. Jerusalém: Edição Eletrônica, 1967.

FOUCAULT, M. **Em Defesa da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **História da Loucura: na Idade clássica**. 9ª Edição. São Paulo: Editora Perspectiva S/A, 2010.

_____. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. 10ª Edição Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

_____. **Vigiar e Punir**. 8ª Edição digital. São Paulo: Vozes 1987.

FREUD, S. **Neurose, psicose, perversão**. In: Obras incompletas de Sigmund Freud. São Paulo: Autêntica, 2016.

_____. **Os chistes e sua relação com o inconsciente (1905a)**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969. V.8.

_____. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905b)**. In: Um caso de histeria, três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos (1901- 1905). Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v.7, p. 123-250.

_____. **O mal-estar na civilização**. In: Obras Completas Vol. 18. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. **A história do movimento psicanalítico (1914)**. In: Standard edition da obra psicológica completa de Sigmund Freud. Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. 14, p.13-82.

_____. **O inconsciente** (1915). In: Artigos sobre metapsicologia. Standard edition da obra psicológica completa de Sigmund Freud. Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. 14, p. 185-245.

_____. **Além do princípio de prazer** (1920). In: Standard edition da obra psicológica completa de Sigmund Freud. Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969 Vol. 18, p.13-85.

_____. **O Ego e o ID** (1923). In: Standard edition da obra psicológica completa de Sigmund Freud. Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969, Vol. 19, p.13-83.

_____. **Ansiedade e vida instintual** (1932). In: Novas conferencias introdutórias de psicanálise. Standard edition da obra psicológica completa de Sigmund Freud. Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969, Vol.22, p.103-138.

HAN, B-C. **Agonia do Eros**. Edição digital. Petrópolis: Vozes, 2017.

_____. **Psicopolítica - O Neoliberalismo a as Novas Técnicas de Poder**. Belo Horizonte: Âyiné, 2018.

_____. **Sociedade do Cansaço**. 2ª Edição ampliada. Petrópolis: Vozes, 2017.

_____. **Sociedade Paliativa: a dor hoje**. Petrópolis: Vozes, 2021.

_____. **Sociedade da Transparência**. Petrópolis: Vozes, 2017.

LOWEN, A. **O corpo em terapia: a abordagem bioenergética**. São Paulo: Summus, Vol. 4, 1977.

NAVARRO, F. **Caracterologia Pós-Reichiana**. São Paulo: Summus, 1995.

REICH, W. **Materialismo Dialético e Psicanálise**. 3ª ed. Lisboa: Presença, 1977.

REICH, W. **A Função do Orgasmo**. (1942) 9ª Edição. São Paulo: Editora brasiliense S.A, 1975.

REICH, W. **A Irrupção da moral sexual repressiva**. São Paulo: Martins Fontes: S/d.

REICH, W. **Análise do Caráter**. (1953) 3ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

REICH, W. **Psicologia de Massas do Fascismo**.(1933) 3ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

Recebido: 05.05.2024; Aceito: 14.05.2024; Publicado: 30.05.2024.